

**UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE – UNIARP
CURSO DE PEDAGOGIA**

GENECIS PERACHI DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A
IMPORTANTE PRÁTICA DO PROFESSOR**

**FRAIBURGO
2021**

GENECIS PERACHI DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A
IMPORTANTE PRÁTICA DO PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, do Curso de Pedagogia, da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP.

Orientadora: Professora Especialista Anete Müller Carvalho.


**FRAIBURGO
2021**

APÊNDICE K - TERMO DE ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Declaro para todos os fins de direito, que assumo total responsabilidade pelo aporte ideológico conferido ao presente trabalho, isentando a Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP, a coordenação do Curso de Administração, a Banca Examinadora e o Orientador de toda e qualquer responsabilidade acerca do mesmo.

Fraiburgo/SC, 02/07/2021

Acadêmico (a): Genecis Perachi da Silva.



Assinatura

GENECIS PERACHI DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A
IMPORTANTE PRÁTICA DO PROFESSOR**


A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova com nota _____ este Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Pedagogia da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe - UNIARP, como requisito final para obtenção do título de:

**APÊNDICE L - FOLHA DE APROVAÇÃO
GENECIS PERACHI DA SILVA**

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A
IMPORTANTE PRÁTICA DO PROFESSOR**


A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova com nota 9,8 este Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Pedagogia da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe - UNIARP, como requisito final para obtenção do título de:

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA




Prof. Ma. Deize Maria Baretta
Coordenador do Curso de Pedagogia

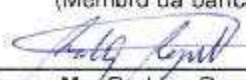
BANCA EXAMINADORA



Professora Esp. Anete Müller Carvalho - UNIARP
(Presidente da Banca/Orientador)



Professora Ma. Deize Maria Baretta - UNIARP
(Membro da banca)



Professor Me. Rodrigo Regert - SENAC
(Membro da banca)

Fraiburgo, SC, 02 de julho de 2021.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, sem ele eu não teria capacidade para trilhar um caminho de desafios e vencê-los todos os dias.

Com sentimento de gratidão e amor, por ter visto potencial em mim e ter insistido em me fazer voltar a estudar, dedico este trabalho a minha querida e amada irmã Alana Raquel Perachi.

À minha querida família, esposo e meus filhos Luiz Gustavo e Heloísa que tanto admiro, dedico o resultado do esforço realizado ao longo deste percurso.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me concedido o dom da vida, pois é ele quem me ajuda vencer os desafios do dia a dia e me capacita com sabedoria, peço que esteja guiando sempre o meu percurso como professora e me ajude a fazer grande diferença nesta profissão.

Aos meus pais Moacir e Ivanir, pelo exemplo de vida, honestidade e dedicação para comigo, por sempre estarem ao meu lado nos momentos felizes e tristes.

Aos meus irmãos Claudinei, Claudete, Marcelo e Alana por entenderem minha ausência em momentos que estaríamos todos juntos.

Ao meu esposo Nivaldo por ter me apoiado e incentivado para a carreira docente, por ter entendido que muitas lágrimas seriam necessárias para chegar aqui.

Aos meus filhos Luiz Gustavo e Heloisa, minha inspiração, meus presentes divino por estarem ao meu lado sempre, me incentivando e dando-me forças para não desistir.

A todos os professores do curso de Pedagogia pela motivação e determinação que tiveram conosco ao longo desses quatro anos.

Ao professor Rodrigo Regert que me inspirou a ser uma professora crítica e questionadora e por me ajudar a desenvolver meu primeiro projeto de pesquisa.

Ao professor Sally Douglas Narloch, por ser tão inspirador, motivador, exigente.

Ao professor Arã Paraguassu Ribeiro, por nos mostrar diferentes estratégias de ensino, sendo muito dinâmico em suas aulas.

Ao professor Carlos Alberto Zorzo, por suas orientações metodológicas que foram de grande importância para a realização deste e de outros trabalhos acadêmicos.

A professora Anete Müller Carvalho, pela paciência, dedicação, auxílio e presteza em me orientar nesse trabalho, pelo seu exemplo inspirador de professora comprometida, exigente e culta. Agradeço por nunca medir esforços para me incentivar.

A professora Deize Maria Baretta, pela motivação, dedicação e exemplo de

profissional que nos mostrou por meio de sua postura no decorrer do curso, incansavelmente nos motivou para jamais desistirmos do percurso.

Agradeço carinhosamente ao professor Sadi Antônio Foresti, por ser minha primeira inspiração de professor, meu alfabetizador na escola Sedes Sapientiae, foi além dos métodos de sala de aula, realmente um visionário da educação, agradeço também pela riquíssima contribuição em responder a pesquisa de campo deste trabalho nos mostrando um belo exemplo a seguir, trago comigo marcas muito positivas do tempo em que o tive como professor e com certeza as colocarei em prática na minha sala de aula.

A minha amiga Carine por ser um exemplo de pessoa guerreira e vencedora, me mostrou que grandes lutas e desafios vem para grandes soldados, por ser essa companheira de trabalhos acadêmicos que quase nos levavam a loucura, mas vencemos, eu sabia que sairíamos vivas dessa! Obrigada por sua amizade, nasceu na faculdade, mas será para a vida toda.

Agradeço em especial a minha amada irmã Alana, por ter me mostrado que meu sonho não havia morrido me incentivando a voltar a estudar, me ajudou a colocar objetivos e metas em minha vida, sendo insistente e persistente comigo. Foi graças a essa pessoa tão especial e brilhante que hoje celebro este marco em minha história, te amarei para sempre.

EPÍGRAFE

“O saber não nos torna melhores nem mais felizes”.

Mas a educação pode ajudar a nos tornamos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas.

(Edgar Morin)

RESUMO

O presente trabalho objetiva-se em refletir e analisar como ocorre o processo de alfabetização e letramento, com especial ênfase no papel do professor. O referencial teórico será discorrido a partir de conceitos sobre os métodos e processos de alfabetizar letrando e a função do professor nesta importante etapa do ensino. O mesmo desempenha um papel essencial e relevante, pois é capaz de estimular a criança a chegar aos níveis adequados de leitura e escrita. No que tange a estrutura organizacional do trabalho aqui apresentado em seu primeiro capítulo será feita uma síntese com fatos significativos, abordando de forma geral um panorama de alfabetização e letramento, apresentando os processos da alfabetização. No segundo capítulo, a abordagem será sobre o papel do professor na alfabetização e no seu terceiro capítulo serão analisados os dados da pesquisa de campo estabelecendo reflexões sobre esse importante trabalho desempenhado por profissionais que se dedicam em tornar alunos alfabetizados e letrados com muita competência e destreza. Conclui-se que para haver ensino aprendizagem efetivamente, o educador deve estimular sempre a leitura e diversificar atividades de acordo com o cotidiano, facilitando o entendimento do mesmo e estar em constante processo de formação a fim de poder melhorar cada vez mais sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Leitura. Escrita.

ABSTRACT

The present work aims to reflect and to analyze how the process of literacy and literacy occurs, with special emphasis on the role of the teacher. The theoretical framework will be discussed based on concepts about the methods and processes of literacy training and the role of the teacher in this important stage of teaching. It plays an essential and relevant role, as it is able to stimulate the child to reach the appropriate levels of reading and writing. Regarding the organizational structure of the work presented here in its first chapter, a synthesis with significant facts will be made, approaching in general a panorama of literacy and literacy, presenting the processes of literacy. In the second chapter, the approach will be on the role of the teacher in literacy and in its third chapter the data from the field research will be analyzed, establishing reflections on this important work performed by professionals who are dedicated to making literate and literate students with great competence and dexterity. It is concluded that in order to effectively teach learning, the educator must always encourage reading and diversify activities according to daily life, facilitating the understanding of it and being in a constant process of training in order to be able to improve his pedagogical practice more and more.

Keywords: Literacy. Literacy. Reading. Writing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	13
1.1 PANORAMA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	13
1.2 A RELEVÂNCIA DA PSICOGÊNESE DA LINGUA ESCRITA.....	17
1.3 A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA LEITURA	20
1.4 A FORMAÇÃO E FUNÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR.....	23
2 DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS	29
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICES	51
APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS	52

INTRODUÇÃO

Nominado Alfabetização e letramento: Um olhar reflexivo para a importante prática do professor, o presente trabalho tem por finalidade refletir e analisar como ocorre o processo de alfabetização e letramento, com especial ênfase no papel do professor.

O tema escolhido, pretende colocar em evidência as práticas docentes no contexto escolar, visando perceber como se dá o processo de alfabetizar letrando. O tema surgiu do interesse em ampliar o conhecimento, no sentido de observar e compreender melhor o processo de alfabetização e letramento. Pesquisar quais desafios os professores têm enfrentado na perspectiva de ensinar as crianças a ler e escrever. Além disso, elucidar como os docentes procedem quando as suas expectativas não são alcançadas?

Partindo do pressuposto da importância da tarefa do professor alfabetizador, este poderia ser comparado hipoteticamente a alguém que está construindo uma edificação. Sabe-se que o fundamento da mesma servirá de base de sustentação para o restante da obra. Da mesma forma, uma prática pedagógica consistente nos parece ser indispensável para que alguém exerça sua cidadania no mundo letrado.

Deste modo, buscamos refletir a importância da formação continuada dos professores alfabetizadores, pois na proposta de alguns autores, não basta apenas ter uma formação em licenciatura, deve-se estar em constante aperfeiçoamento, seja por meio de especializações ou de cursos de capacitações, somos seres em construção e nosso aprendizado também, por isso a necessidade de acompanharmos novas práticas de ensino para ser desempenhadas na sala de aula, considerando que a criança já chega na escola com conhecimentos prévios e isso deve ser respeitado e valorizado.

Diante disso, surge a seguinte problematização: quais são as preocupações vivenciada pelo professor de alfabetização, no contexto da construção desta base, inserindo o estudante no processo de alfabetização e letramento, de modo a avançar para as próximas etapas do ensino? Quais são os métodos aplicados neste processo? E se o método falhar, existe um plano alternativo?

Percebe-se que o processo de alfabetização é complexo e determinante na vida acadêmica das pessoas. Os sujeitos entrevistados veem sendo professores conscientes e reflexivos para com as suas práticas pedagógicas no decorrer de suas

carreiras profissionais, a pesquisa evidenciou que o comprometimento e a responsabilidade são fatores essenciais para assumir uma turma de alfabetização.

1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

O presente trabalho será desenvolvido por meio de abordagem teórica sobre a temática relacionada, visando contribuir para um olhar reflexivo e nas práticas do professor alfabetizador.

Neste sentido, o referencial teórico será percorrido a partir de conceitos sobre os métodos e processos de alfabetizar letrando e a função do professor nesta importante etapa do ensino. O mesmo desempenha um papel essencial e relevante, pois é capaz de estimular a criança a chegar aos níveis adequados de leitura e escrita. Entende-se que para o enriquecimento deste trabalho é necessário utilizar-se de pesquisa de campo, entrevistando professores alfabetizadores de diversas épocas, ou seja, alguns já aposentados na profissão e outros ainda ativos.

No que tange a estrutura organizacional do trabalho aqui apresentado em seu primeiro capítulo será feita uma síntese com fatos significativos, abordando de forma geral um panorama de alfabetização e letramento, apresentando os processos da alfabetização. No segundo capítulo, a abordagem será sobre o papel do professor na alfabetização e no seu terceiro capítulo serão analisados os dados da pesquisa de campo estabelecendo reflexões sobre esse importante trabalho desempenhado por profissionais que se dedicam em tornar alunos alfabetizados e letrados com muita competência e destreza.

1.1 PANORAMA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

É durante o processo de alfabetização que passamos a desvendar o mundo da leitura e escrita:

O processo de alfabetização pode ser entendido como o processo de aquisição e domínio da leitura e da escrita vinculado à capacidade de utilizá-los como instrumentos de comunicação, aproveitando a competência linguística que as crianças já possuem. O indivíduo se transforma ao dominar a leitura e a escrita e quando consegue fazer uso delas. Tal domínio amplia as possibilidades sociais, culturais, cognitivas, entre muitas outras (LOTSCH, 2016, p. 25).

Anteriormente, a prática de alfabetizar se dava por meio de um processo de decodificação, ou seja, através da repetição, onde o aluno teria que decorar letras e números para juntamente ler e escrever:

A aprendizagem dava-se no simples acúmulo de informações vindas do exterior, sem necessidade de reflexão para compreender letras e sons que o professor transmitia. As crianças aprendiam as famílias silábicas e, a partir

do aprendizado sistemático de cada uma delas, formava outras palavras de uma forma sequencial e fora de contexto, com pouca reflexão e de modo limitado, a alfabetização típica das cartilhas. Ou seja, as crianças não entendiam o processo de construção da escrita (LOTSCH, 2016, p, 43).

A partir de diversas pesquisas, essa ideia sofreu alterações. Sondagens vem acontecendo na área do entendimento de como construímos o conhecimento. Cada aluno tem uma forma diferente de interagir com os códigos escritos e, a partir de seu uso social, as crianças vão traçar hipóteses que enriquecem e ilustram esse processo junto com a experiência de vida. Por isso, enfatiza-se que as crianças sejam introduzidas as funções sociais da linguagem colocando-as em contato com os usos sociais da leitura e da escrita.

A posição que sustentamos reiteradamente é que o marco da teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget é apto para compreender os processos de apropriação de conhecimentos envolvidos na aprendizagem da lecto-escrita. Dizemos apropriação do conhecimento, e não aprendizagem de um outro domínio da atividade cognitiva: um processo ativo de reconstrução por parte do sujeito que não pode se apropriar verdadeiramente de um conhecimento senão quando compreendeu seu modo de produção, quer dizer, quando o reconstituiu internamente (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 275).

Conforme menciona Lotsch, (2016, p. 44) relatando que “várias teorias abordaram a concepção de que o aprendizado da escrita não estava limitado apenas à habilidade de codificação e decodificação e sim era um processo ativo de compreensão de tal sistema”.

A leitura e a escrita estão presentes no dia a dia escolar a fim de proporcionar melhores habilidades desses saberes aos educandos. Neste sentido, a alfabetização é sem dúvida de grande relevância, pois é considerada como um firmamento para uma educação autônoma e crítica.

A alfabetização é o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita (VAL, 2006, p. 19).

É por meio da alfabetização que se desenvolve a cognição, a compreensão, a comunicação, as ideias são formadas. É a partir dela é que o indivíduo passa a ter conhecimento não apenas de códigos, mas sim daquilo que está escrito.

Alfabetização tem início bem cedo e não termina nunca. Nós não somos igualmente alfabetizados para qualquer situação de uso da língua escrita.

Temos a facilidade de lermos determinados textos e evitamos outros. O conceito também muda de acordo com as épocas, as culturas e a chegada da tecnologia (FERREIRO, 2004, p. 14).

De acordo com Soares (1998, p. 17) “alfabetizar é fornecer condições para que as pessoas tenham acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, mas, sobretudo, de fazer uso adequado da escrita em todas as funções em que ela tem em nossa sociedade”.

Conforme Freire e Macedo (1990, p. 17) “alfabetização significa adquirir língua escrita através de um processo de construção do conhecimento, dentro de um contexto discursivo de interlocuções e interação, com uma visão crítica da realidade”.

A alfabetização depende muito dos conhecimentos prévios que cada estudante traz consigo, de experiências vividas que antecedem a educação escolar. Alguns, quando colocados frente a um texto, formulam hipóteses na expectativa de tentar descobrir o que está escrito, seja numa placa, outdoor, livros e revistas. Para caracterizar o ato de ler, na concepção teórica de Soares:

Dessa forma, ler entende-se desde a habilidade de simplesmente traduzir em sons sílabas isoladas, até habilidades de pensamento cognitivo e metacognitivo; inclui, entre outras habilidades, a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar o sentido de um texto escrito; a capacidade de interpretar sequência de ideias ou acontecimentos, analogias, comparações, linguagem figurada e relações complexas, anáforas; e ainda habilidade de fazer previsões iniciais sobre o significado do texto, de construir o significado combinando conhecimentos prévios com informações do texto, de controlar a compreensão e modificar as previsões iniciais, quando necessário, de refletir sobre a importância do que foi lido, tirando conclusões e fazendo avaliações (SOARES, 2004, p. 31).

Recentemente surgiu o termo letramento, e este refere-se aos mais diversos usos da leitura e escrita em diferentes contextos sociais:

Com o surgimento do termo “letramento”, que vem com o objetivo de ampliar o ato de alfabetizar, saber ler e escrever não é mais condição suficiente para atender às demandas sociais, pois na sociedade predominantemente grafo Centrada em que vivemos, é necessário mais que ler e escrever de forma mecânica. É preciso garantir uma interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade, para que se possa entender os vários significados do uso da leitura e da escrita em diferentes contextos. Essa ampliação mudou o sentido e a importância da alfabetização. O processo de alfabetizar está além de ensinar habilidades de codificação e decodificação do alfabeto, abrange o domínio dos conhecimentos que permitem o uso dessas habilidades nas práticas sociais (OLIVEIRA, 2017, p. 2).

De acordo com Magda Soares, o vocábulo letramento teve início em meados

dos anos 80 no Brasil: “Letramento é palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas: é na segunda metade dos anos 80” (SOARES, 2015, p. 15).

O conceito de alfabetizar foi se transformando com o passar do tempo, surgindo a necessidade de agregar significado ao ato de ler e escrever:

Foi através da complexidade em atribuir ao processo de alfabetização características sociais, culturais e cognitivas até então desprezadas, que surgiu a necessidade de um novo termo caracterizador da nova visão da leitura e escrita. Esse conceito, chamado de Letramento, foi criado para nomear o estado ou condição de um indivíduo que não saberia somente ler e escrever, mas que se apropriaria da leitura e da escrita de forma significativa com leituras que circulam na sociedade em que os sujeitos estão inseridos (AGUIAR; AMARAL, 2016, p. 338).

Alfabetizar e letrar, são expressões intrinsecamente ligadas que servem de apoio ao aluno por meio da relação professor aluno em sala de aula, considerando a leitura de mundo que a criança traz consigo para que o aprendizado se torne efetivo:

No início da década de 80, os estudos acerca da psicogênese da língua escrita trouxeram aos educadores o entendimento de que a alfabetização, envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação linguística e que nos anos que se seguiram, com a emergência dos estudos sobre o letramento, foram igualmente produtivos na compreensão da dimensão sócio cultural da língua escrita e de seu aprendizado. Em sintonia, ambos os movimentos, nas suas vertentes teórico-conceituais, romperam definitivamente com a segregação dicotômica entre o sujeito que aprende e o professor que ensina. Romperam também com o reducionismo que delimitava a sala de aula como o único espaço de aprendizagem (LACERDA, 2017, p. 7).

O termo letramento significa estar na condição de quem assume ingressar no mundo da leitura e da escrita.

Ou seja: literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 2012, p. 17).

A mesma autora corrobora afirmando que “assim, letramento envolve mais do que meramente ler e escrever. [...] letramento não é simplesmente um conjunto de habilidades de leitura e escrita, mas, muito mais que isso, é o uso dessas habilidades para atender às exigências sociais” (SOARES, 2012, p. 74). Desta forma, é possível entender que o letramento envolve muito mais do que simplesmente o ato de ler e escrever, mas interpretar e fazer relação ao seu contexto social. Alfabetização e letramento, duas formas distintas, mas que se

relacionam e se completam:

Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da, e por meio da aprendizagem do sistema de escrita (SOARES, 2004a, p. 97).

Para Soares (2004a), um indivíduo pode ser alfabetizado, saber ler e escrever, porém em alguns casos não é letrado, pois aquele que é alfabetizado e letrado, faz uso da leitura e da escrita no contexto social e responde suas respectivas necessidades.

De acordo com Montemor (2020, p. 2), “o letramento prevalece sobre a alfabetização com o conceito de sistema grafo fônico (relação fonemas e grafemas), ocorre por meio de uma interação com a língua escrita denominada de codificação e decodificação”.

Partindo da ideia de alfabetização ser um direito de toda criança e, portanto, precisa ser respeitado, precisamos proporcionar muito mais do que uma relação de códigos, precisamos levar em conta o conhecimento que a criança já possui e relacioná-lo no desenvolvimento de seu processo de letramento. A partir de 1980, o conceito de alfabetização começa a ser ampliado com a incorporação do estudo da psicogênese com seguimento da língua escrita (MONTEMOR, 2020, p. 4).

Montemor (2020, p. 4) afirma que “precisamos proporcionar muito mais do que uma relação de códigos, precisamos levar em conta o conhecimento que a criança já possui e relacioná-lo no desenvolvimento de seu processo de letramento”.

1.2 A RELEVÂNCIA DA PSICOGÊNESE DA LINGUA ESCRITA

Segundo Montemor (2020, p. 4), “A psicogênese tem o desígnio de influenciar o processo de desenvolvimento das novas práticas da alfabetização, em que não mais se utiliza os códigos para ensinar a ler e escrever, por meio da memorização, mas em um sistema denominado de notação”.

As cartilhas ou os livros de iniciação à leitura nada mais são do que a tentativa de conjugar todos esses princípios: evitar confusões aditivas e/ ou visuais; apresentar um fonema (e seu grafema correspondente) por sua vez e finalmente trabalhar com os casos de ortografia regular. As sílabas sem sentido são utilizadas regularmente, o que acarreta a consequência inevitável de dissociar o som da significação e, portanto, leitura da fala (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 19).

Por volta dos anos de 1980, o Brasil é contemplado com a obra *A psicogênese da língua escrita*, das autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky, onde descrevem o processo de aquisição da língua escrita, tornando um divisor de águas na história da alfabetização:

As pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985) sobre a psicogênese da língua escrita provocaram grandes transformações nas concepções e nas práticas da alfabetização infantil no Brasil. Na revolução conceitual a que se refere Mortatti, a ênfase nos métodos de ensino é transferida para a compreensão do pensamento infantil sobre a leitura e a escrita. Ao mesmo tempo, a memorização e a realização de atividades mecânicas, conforme sequência estabelecida nas cartilhas adotadas em cada escola, cedem lugar para o estímulo à ação do sujeito cognoscente, conforme suas possibilidades de assimilação (LUCON; ZIBETTI, 2020, p. 4).

De acordo com Silva (2016, p. 5), “Ferreiro e Teberosky no decorrer de sua pesquisa comprovaram que as crianças apresentam níveis conceituais linguísticos, ou seja, elas constroem hipóteses a respeito da escrita, que se configuram nos seguintes níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético”.

[...] o escrito aparece, para a criança como objeto com propriedades específicas e como suporte de ações e intercâmbios sociais. Existem inúmeras amostras de inscrições nos mais variados contextos [...]. Os adultos fazem anotações, leem cartas, comentam os periódicos [...]. Produzem e interpretam a escrita [...]. É evidente que, por si só, a presença isolada do objeto e das ações sociais pertinentes não transmitem conhecimento, mas ambas exercem uma influência, criando as condições dentro das quais isto é possível [...] a criança procura compreender a natureza destas marcas especiais (FERREIRO, 2010, p. 44)

Chartier, Clesse e Hébrard (1996, p. 27), colaborando com a teoria citada, afirmam que “as crianças, antes de chegarem à escrita convencional, percorrem um caminho que parte, a priori, da percepção de que existem coisas escritas”.

De acordo com Braga (2019), cinco níveis no processo de escrita são determinados por Ferreiro e Teberosky, sendo eles: nível um e dois: Hipótese pré-silábica, nível três: Hipótese Silábica, nível quatro: Hipótese Silábico-Alfabética e por fim nível cinco: Hipótese Alfabética.

Nessas etapas ela descreve o comportamento das crianças diante do ato de representar graficamente o pensamento através da leitura e da escrita. E nesses níveis aqui referidos, a autora faz o percurso adotado pela criança onde está, inicia o processo construtivo da alfabetização sem diferenciar letras e números, representando-os graficamente como forma de imitação dos signos (BRAGA, 2019, p. 5).

Neste sentido, de acordo com a teoria das autoras supracitadas, podemos dizer que o aluno se apodera da escrita na seguinte descrição:

No nível 1, as crianças já apresentam suas primeiras tentativas de escrita caracterizadas de duas formas, por traços ondulados contínuos (como se fossem letras “m” cursivas) e círculos e riscos verticais descontínuos. Nesse nível a escrita é muito semelhante entre si, de modo que sua diferença reside na subjetividade do escritor, ou seja, na interpretação que é dada pela criança a cada desenho. Importa ressaltar, também, que neste nível a criança busca fazer correspondência figurativa entre a escrita e o objeto referido; a escrita ganha formas maiores quando é pedido para que escreva animais grandes mesmo sendo de nomes pequenos, por exemplo, ao escrever pato e depois urso, este último terá uma escrita maior que a de pato. No nível 2, a hipótese central está na necessidade de diferenças objetivas para que a leitura da escrita de coisas diferentes ocorra. A forma do grafismo já se torna mais próxima à das letras. A criança trabalha com a hipótese mínima de grafismo para escrever algo e com a hipótese de variedade de grafismos. No nível 3, a criança passa a formular a hipótese silábica, ou seja, começa a tentar dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõe a escrita e cada letra passa a valer uma sílaba. Um aspecto interessante é que nesta hipótese a grafia pode aparecer distante da forma de letras ou com grafias bem diferenciadas, sem correspondência com o valor sonoro, apenas equivalente ao número de sílabas. Por considerar uma quantidade mínima de caracteres para escrever, a criança entra em conflito com a hipótese silábica. No nível 4, a característica principal é a transição da hipótese silábica para a alfabética. Neste nível, a criança abandona a hipótese silábica para a possibilidade de escrever mais próximo da escrita convencional (formas fixas do meio ambiente). É considerado um momento de conflito para a criança, pois ela se depara com as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica. No nível 5, a criança encontra-se no último estágio no processo da aquisição da escrita. Ela compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba. A dificuldade já não é mais referente à sua compreensão, mas às dificuldades ortográficas e de estabelecer o espaçamento entre as palavras (VILARINO, 2016, p. 36).

Em síntese, entende-se que a partir dos fundamentos da psicogênese da língua escrita, ensinar a ler e escrever não deve ser focado em palavras soltas, atividades de memorização e de repetição, todavia, a finalidade é conduzir o aluno para a compreensão do sistema de escrita.

A pesquisa de Ferreiro e Teberosky, (1986) trouxe uma enorme contribuição para o campo da alfabetização, revolucionando o campo conceitual, científico e prático do trabalho de alfabetização. No entanto, precisamos ter clareza das consequências decorrentes da má interpretação da Psicogênese da Língua Escrita. Dessa forma, precisamos ressaltar a necessidade de uma sólida formação teórica do professor para que tenha clareza os processos que envolvem a apropriação do sistema de escrita alfabética (SILVA, 2016, p. 13).

Deste modo, a autora faz referência a suma importância da formação do professor para o desenvolvimento de práticas alfabetizadoras conscientes e transformador.

1.3 A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA LEITURA

A leitura é um instrumento essencial na sociedade, ela está presente em nossas vidas desde o momento em começamos a perceber e entender o mundo a nossa volta.

É possível perceber, nas ideias de Freire, a crítica à chamada escola tradicional, bancária, que transforma a leitura em um ato de decifração, desconsiderando o universo do sujeito leitor e a sua experiência cotidiana de modo a criar um abismo entre a escola, o que nela se aprende, e a vida, isto é, os conhecimentos advindos da experiência e das necessidades reais de comunicação (RANGEL, 2005, p. 28).

Freire, foi um estudioso do comportamento humano, filósofo que se destacou em suas práticas como educador com uma aguçada curiosidade, a qual lhe permitiu desenvolver a teoria que expressa a palavra leitura de mundo:

Para o educador, a aprendizagem não se restringia ao mero domínio da leitura e da escrita, mas, sobretudo, à qualidade desse domínio a ser mensurado na obtenção da autonomia dos educandos, construído a partir do respeito a suas idiossincrasias e da prática constante da dialogicidade entre educando e educador, entre cidadão e sociedade. Freire sempre lembrava a forma como fora alfabetizado pela mãe, que aproveitava a sombra das mangueiras do quintal da casa onde moravam para ensinar a leitura e a escrita ao filho. Dentre as lembranças desse período estão outras não tão agradáveis, como as dificuldades financeiras enfrentadas por sua família e os exílios (LEAL; NASCIMENTO, 2019, p. 4).

O autor faz uma retomada à sua história de vida, como forma de instruir que é possível, através dos processos anteriores, rever as práticas atuais e levar em consideração aquilo que o aluno traz de conhecimento consigo, através de suas vivências anteriores à vida escolar:

Ele descreve minuciosa e poeticamente sua casa, sua família, as situações vividas, as pessoas com quem interagiu, enfim, a sua leitura de mundo infantil. Quando se refere à escola e ao contato com a leitura da palavra que, sob sua lógica, deveria partir da leitura do mundo, constituindo-se na “palavra mundo”, ele mostra que nem sempre isso ocorreu. Toda a riqueza do mundo que o cercava e que cerca todos aqueles que ocupam os bancos escolares acaba sendo, muitas vezes, ignorada na e pela escola (LEAL; NASCIMENTO, 2019, p. 7).

Parafraseando Leal e Nascimento (2019), Freire tinha uma visão muito à frente do seu tempo, pois já fazia referência ao que explicita Soares (2003), que alfabetização e letramento são expressões distintas, mas inseparáveis, que se completam e estão intrinsecamente ligadas. A alfabetização se efetiva de maneira distinta, mas o processo de letramento tem seu início fora da escola, aperfeiçoado em sala de aula, mas seu desenvolvimento se dará por toda a sua existência.

Freire (1989), já recomendava uma organização participativa, onde fosse promovido o diálogo, explorando os textos entre o autor e o leitor, ou seja, o que diz o texto escrito e o que tem a ver com nossa realidade cotidiana, tudo isso por meio da mediação do professor.

Uma outra aproximação interessante de se fazer é entre Freire e a educadora Magda Becker Soares (2004), que destaca o surgimento do “letramento” no Brasil, na década de 1980. Esse termo tinha por objetivo caracterizar um processo distinto e mais amplo do que o processo de alfabetização. No entanto, sem perder de vista que alfabetização e letramento devem caminhar juntos, pois são indissociáveis (LEAL; NASCIMENTO, 2019, p. 16).

Em outras palavras a autora explica:

A alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto por meio da aprendizagem e das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004b, p. 14).

De acordo com Leal e Nascimento (2019), em relação aos processos de alfabetização e letramento, as teorias de Freire e Magda Soares são práticas que se relacionam, com a finalidade pelo domínio da leitura e escrita:

Tanto Soares quanto Freire estão preocupados com o uso inteligente e sensato que os alfabetizados farão da leitura e da escrita. Pensam na melhoria da relação desses indivíduos com o meio social onde estão inseridos e onde ocorrem relações de toda ordem. Esperam que a escola, no caso de Soares, e os Círculos de Cultura, no caso de Freire, desempenhem o papel de construtores de um conhecimento calcado na “palavra mundo”, e não apenas na “palavra escola” (LEAL; NASCIMENTO, 2019, p. 17).

Desta forma, os autores supracitados mesmo em tempos distintos, seguiram a mesma linha de pensamento com relação as práticas de leitura e escrita numa perspectiva de alfabetizar letrando. Neste sentido, corrobora Moraes (1996), destacando que a leitura e a aprendizagem são resultâncias culturais que envolvem certa habilidade natural com incentivo da família e da escola.

Um dos grandes desafios do processo educacional está pautado no aprendizado da leitura e da escrita, processo denominado de alfabetização, sendo este processo considerado, pela maioria dos professores alfabetizadores, o ponto de partida para que os indivíduos possam se apropriar do amplo e complexo sistema linguístico, e, mais especificamente a partir do processo de alfabetização, objetiva-se formar leitores (SOUSA; PINHO, 2019, p. 2).

Concordamos com Sousa e Pinho (2019), que de fato na realidade isso não ocorre, mesmo com o domínio de leitura e escrita, os indivíduos eventualmente tornam-se leitores efetivamente e isso impede de que eles percebam criticamente o cenário social em que estão inseridos, esta situação ocorre principalmente com as classes sociais menos favorecidas.

Acreditamos que a apresentação de bons textos, assim como a proposição de boas situações de atividades de leitura e escrita, nesta fase do processo de ensino, pode determinar o futuro da relação entre o leitor e os textos, e conseqüentemente com a leitura. No caso das crianças advindas da classe baixa, a escola pública é, para a grande maioria, o único local de acesso à cultura letrada, dessa forma grande parte do futuro dos alunos, como leitores, vai ser determinada pelas experiências adquiridas pelas práticas de leitura vivenciadas no processo de escolarização, e aqui damos ênfase ao processo de alfabetização (SOUSA; PINHO, 2019, p. 3).

Diante disso, torna-se essencial que seja desenvolvido em sala de aula por meio dos professores, principalmente no período de alfabetização boas práticas de leitura, para que através disso tornem-se futuros cidadãos críticos e leitores que saibam de fato interpretar situações no contexto social.

A leitura vai além de reconhecer símbolos, ela é uma oportunidade de transformação:

A leitura é útil porque através dela, nós adquirimos conhecimentos e cultura. E isso, sem dúvida, prepara o cidadão para enfrentar mais estudo e ainda o duro mercado de trabalho. Se a leitura amplia seu horizonte intelectual e provoca sentimentos, através de reflexões, permite também ao aluno que as portas de sua percepção sejam abertas. Motivado pela curiosidade e pelo desejo de crescer cada vez mais o leitor torna-se competente para ler nas entrelinhas e sua visão de mundo é ampliada, assim como suas expectativas e seus sonhos (LEMOS, 2009, p. 29).

Atualmente os processos de alfabetização tem estado em evidência dentre aqueles que estão preocupados com as práticas docentes nessa etapa, embora existam muitas teorias voltadas a esse assunto, percebe-se que se trabalha de forma limitada, ou seja, restrito apenas aos conteúdos, causando assim uma certa deficiência na aprendizagem. Neste sentido, para colaborar com essa ideia:

Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se as crianças a desenhar letras e a construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba se obscurecendo a linguagem como tal (VIGOSTSKY, 1998, p. 139).

Desta forma, a alfabetização significa mais do que o ato mecânico de ler e escrever, ou seja, codificação e decodificação, isto é, um processo histórico social que vem se transformando, para isso concordamos com Frago (1993, p. 27) quando argumenta que “Alfabetizar não é só ler, escrever, falar sem uma prática cultural e comunicativa, uma política cultural determinada”.

Diante disso, percebe-se que a alfabetização é uma tarefa que nos traz muita reflexão, é preciso recriá-la e transformá-la:

[...] não se deve mais alfabetizar mecanicamente, é preciso rever algumas concepções nas quais se apoiava o ensino, todavia, sair de uma prática anterior para um outro modelo de ensino, não se traduz por uma tarefa fácil, faz-se necessário compreender e refletir cuidadosamente acerca da qualidade da proposta de ensino e posteriormente escolher com qual se quer trabalhar (LIMA, 2020, p. 4).

Portanto, se faz necessário que as práticas de alfabetização sejam sempre refletidas, pois é preciso analisar qual a melhor maneira que aluno aprende, talvez seja pertinente usar mais que um método para que o ensino aprendizagem aconteça de fato.

1.4 A FORMAÇÃO E FUNÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Ao exercer sua função no magistério, o professor depende de um conjunto de conhecimento o qual o habilitará para desempenhar com êxito seu trabalho.

A formação dos educadores é uma condição indispensável para a qualidade da educação escolar, somada às adequadas condições de trabalho, ao trabalho em equipe e à valorização profissional. Sempre que se fala da formação dos educadores, é preciso também considerar o conjunto de variáveis que interferem na qualidade da aprendizagem dos alunos, pois os educadores não são os únicos responsáveis por resultados que apenas em parte lhes dizem respeito. Não é justo que os sistemas de ensino e seus gestores assumam uma posição de responsabilizar pessoalmente os educadores pelo fracasso do ensino. A defesa da ideia de competência profissional como capacidade de mobilizar recursos e conhecimentos para responder aos diferentes desafios colocados pelo exercício da profissão implica um modelo de formação que garanta o desenvolvimento progressivo das competências que se esperam dos profissionais (SCHOTTEN, 2011, p. 13).

De acordo com a Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9394/96 preconiza que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 1996, n.p).

É de fundamental importância que os profissionais da educação estejam em constante aperfeiçoamento ao longo de sua carreira, ou seja, formações continuadas farão parte do processo educacional para constante atualização do professor, no sentido de melhorar a cada dia o processo ensino aprendizagem.

[...] a formação continuada deve propiciar atualizações, aprofundamento das temáticas educacionais e apoiar-se numa reflexão sobre a prática educativa, promovendo um processo constante de auto avaliação que oriente a construção contínua de competências profissionais. Porém, um processo de reflexão exige predisposição a um questionamento crítico da intervenção educativa e uma análise da prática na perspectiva de seus pressupostos. Isso supõe que a formação continuada se estenda às capacidades e atitudes e problematize os valores e as concepções de cada professor e da equipe (BRASIL, 2002, p. 70).

Evidentemente que o período de alfabetização é considerado o mais importante de todas as etapas de ensino, por isso enfatizamos aqui a importância da formação do professor para atuar nesta área e a necessidade do preparo para que este não seja apenas um transmissor de códigos, mas sim um formador de cidadãos críticos.

Falar sobre o papel do professor parece redundante assim como a importância deste na sociedade. Todos sabem que são indiscutíveis tais prerrogativas, tanto para o ensino da leitura, da escrita como para o conhecimento sistematicamente organizado. Não importa o seu objeto de ensino, o professor é quem organiza um determinado conhecimento e se dispõe de certa maneira em propiciar boas condições para que a aprendizagem ocorra. Precisam ser e estar cada vez mais preparados para acompanhar as inúmeras transformações da sociedade contemporânea, bem como os desafios encontrados no contexto escolar emergentes desse mundo moderno (MARQUES; BORGMANN, 2018, p. 2).

Com o avanço tecnológico e a globalização, a demanda de novo formato em educação torna-se cada vez mais claro, porém muitos educadores ainda não despertaram para isso, sendo resistentes a deixar os antigos formatos de trabalho. “Os professores precisam acompanhar essa velocidade. Nós não conseguiremos mudar os paradigmas escolares com os mesmos modelos de nossos avós. Quem não se atualiza, fossiliza-se” (WERNECK, 1999, p. 58).

O professor dessa sociedade cada dia mais exigente auxilia na construção e na organização da aprendizagem, o professor precisa adquirir novos saberes, ser capaz de refletir e sistematizar tais conhecimentos. Sendo assim o professor deve ser conhecedor das estruturas e de como funciona a língua (CARVALHO, 2016, p. 8).

“Com as constantes transformações na educação e conseqüentemente nas estratégias de alfabetizar busca-se a formação não só para o lê e escrever, que esse seja capaz de ler e se posicionar sobre o que está lendo” (CARVALHO 2016, p.10).

O papel do professor no processo de alfabetização é determinante, pois é por meio dele que a criança é colocada em situação de pensar, é através do professor que isso ocorrerá, afinal ele é quem escolhe as estratégias de ensino, atividades, conteúdos, os métodos aplicados e a mediação necessária.

Tal protagonismo do professor na aprendizagem dos alunos requer do profissional muito conhecimento sobre o seu campo de atuação, condição que suscita a seguinte pergunta: será que os professores estão sendo formados para acompanhar e orientar esse processo de aprendizagem de leitura e escrita da criança? (VILARINO, 2016, p. 39).

Além de todas as questões levantadas sobre a função e papel do professor na perspectiva da alfabetização e letramento, os docentes ainda precisam:

1. participar das atividades de construção da proposta curricular da rede de ensino e da construção do Projeto Político-Pedagógico da escola;
2. Participar das reuniões de discussão sobre as avaliações da escola e dos estudantes;
3. Participar do planejamento coletivo e desenvolvimento de projetos didáticos que envolvam as turmas da escola;
4. Planejar as aulas;
5. Selecionar e produzir recursos didáticos;
6. Ministrar as aulas;
7. Avaliar e redirecionar as ações didáticas com base nas orientações;
8. Planejar e desenvolver ações para os meninos e as meninas que estejam com dificuldades (BRASIL, 2016, p. 12).

Esse mesmo documento ainda orienta aos professores para o ciclo de alfabetização que mantenham as seguintes estratégias:

1. ter domínio dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento do ensino da leitura e da escrita na perspectiva do letramento;
2. Ter habilidades para interagir com as crianças, dinamizando o processo pedagógico e promovendo situações lúdicas de aprendizagem;
3. Ser assíduo e pontual, evidenciando compromisso com os processos pedagógicos;
4. Ter sensibilidade para lidar com a diversidade social, cultural, de gênero e etnia (BRASIL, 2016, n.p).

Ainda nesta perspectiva, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), expõe quatro princípios centrais no desenvolvimento do trabalho pedagógico:

1. O Sistema de Escrita Alfabética é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador;
2. O desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias;
3. Conhecimentos oriundos das diferentes áreas podem e devem ser apropriados pelas crianças, de modo que elas possam ouvir, falar, ler, escrever sobre temas diversos e agir na sociedade;
4. A ludicidade e

o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem (BRASIL, 2016, n.p).

De acordo com Vigotski (1998), cada criança se desenvolve de forma única, pois o autor entende que a transformação cognitiva acontece por incentivo dos fatores internos e externos através dos desenvolvimentos apropriados para que a criança vença os desafios naturais de cada fase. O autor apresenta a zona de desenvolvimento proximal, que consiste em:

[...] distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKI, 1998, p. 97).

Desta forma, o nível de desenvolvimento real, corresponde as atividades que a criança realiza sem auxílio, significa que são resultados de fases de desenvolvimento já concluídos.

Partindo deste nível, a educação formal tem a função de intervir na ZDP da criança através da mediação do educador ou de outras crianças envolvidas no processo. Assim, a resolução de problemas que antes não era possível à criança, sem colaboração, levando-se em conta as funções mentais até então desenvolvidas, torna-se possível, com auxílio do educador ou de outras crianças, a partir de atividades que promovam o desenvolvimento de capacidades que pertencem às funções mentais em processo de amadurecimento. O diálogo exerce função colaborativa, sendo uma forma de intervir na ZDP. Além de atuar na ZDP, ao assumir uma postura crítica e dialógica, o educador pode contribuir para a formação de cidadãos capazes de dialogarem com o seu contexto, de forma crítica e consciente. No entanto, a educação formal com seus padrões rígidos, cronogramas pouco flexíveis e avaliações superficiais e reducionistas, impossibilita os educadores de exercerem sua função plenamente no que diz respeito ao incentivo à criatividade, criticidade e autonomia do educando no ambiente escolar (FERNANDES; OLIVEIRA; MATTA, 2021, p. 5-6).

Percebe-se a necessidade de diversificar a prática docente para que verdadeiramente o processo de ensino aprendizagem seja efetivo, com isso, os professores como mediadores e transformadores intelectuais, conciliam a prática com a reflexão, a fim de formar estudantes críticos e reflexivos.

Na concepção de Freire (2007, p. 119), a alfabetização, vai muito além do domínio das práticas de ler e escrever e do conhecimento da psicologia da aprendizagem, “é o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente”.

Paulo Freire deixou um legado cujos princípios, construídos em situações reais e concretas, são referenciais que direcionam a prática docente de

educadores em todo o mundo. Sua proposta de alfabetização, sempre atual, é largamente utilizada não só neste nível de ensino, tendo em vista a sua flexibilidade, mas em todos os níveis e modalidades da educação. Compreendemos que, devido ao contexto que hoje vivenciamos, diferentemente daquele em que Freire iniciou seu trabalho de alfabetização na década de 60, algumas inserções fizeram-se necessárias à estrutura original concebida, resultado da evolução da própria dinâmica educacional, mas preservando a essência da educação libertadora por meio da conscientização (FERNANDES; OLIVEIRA; MATTA, 2021, p. 9).

Respeitar e valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, entender as fases do desenvolvimento e etapas naturais é reconhecer a importância do processo da aquisição da leitura e escrita, para isso é essencial que a aprendizagem seja significativa, isto é, a criança precisa o que significa ler, escrever e saber o que isso representa em sua vida.

A arte de alfabetizar não é fácil, mas também não se pode tornar um sofrimento para o educando e o educador. A responsabilidade é grande, principalmente para o educador que deve ter conhecimento do desenvolvimento cognitivo da criança, como também da metodologia e atividades necessárias para as fases em que elas se encontram. Alfabetizar é respeitar as informações que a criança traz e daí partir para o trabalho e a produção de conhecimentos, com atividades que estimulem e preparem a criança, tornando-a apta para adquirir novas experiências. A criança deve ser vista e compreendida pelo professor como centro do processo de ensino e aprendizagem, respeitando assim, seu desenvolvimento cognitivo para assimilar o conhecimento revelado. A aprendizagem precisa ainda manifestar-se prazerosa e significativa para ambos (MATIAS, 2017, p. 3).

Concordamos com Matias (2017), que o educador que procura conhecer o sentimento da criança quando está desenvolvendo a fase da leitura e escrita, buscando compreender o mundo dos pequenos, este entendera como a criança pensa e desta forma terá toda uma explicação de como ocorre o processo e a relevância da escrita.

Assim, não basta somente possuir graduação para estar na escola como profissional, principalmente na Educação Infantil e Anos Iniciais, é imprescindível que o professor alfabetizador esteja em constante processo de ensino e aprendizagem, que tenha uma formação inicial voltada a compreensão da infância como um tempo de desenvolvimento integral do humano, que tenha uma formação continuada para além dos muros da escola ou da universidade, que compreenda que a sociedade evolui, as crianças evoluem e nós professores também precisamos nos adequar à essas demandas, de modo que compreendamos que não somos seres inacabados, mas que também fazemos parte desse processo, de aprender cada vez mais (MARCOS; BORGMANN, 2018, p. 6).

Portanto, é evidente que para atuar como professor, especificamente na área da alfabetização, não basta ter uma formação na área de licenciatura, mas fundamenta-se em conhecer as fases de desenvolvimento da criança, respeitá-la como

um ser social, que possui conhecimentos prévios, com costumes e valores culturais. Observamos que alfabetizar e letrar requer um olhar reflexivo em suas práticas na sala de aula, ou seja, é preciso enxergar a criança com um ser único, que tem o direito de se expressar e ser ouvido e compreendido em suas particularidades, assim como também sanar suas dúvidas e dificuldades, desta forma, tornando o processo ensino aprendizagem cada vez mais prazeroso. Tudo isso é muito importante, porém, é fundamental que o professor esteja em constante aperfeiçoamento, especializações, cursos e capacitações, pois a educação é um processo contínuo que está sempre em construção.

2 DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

O presente trabalho pretendeu contemplar de forma sucinta o tema apresentado, de como se dá o processo de alfabetizar letrando, analisando primordialmente o trabalho dos professores alfabetizadores durante essa importante etapa. Considerando que a pesquisa foi de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, com resultados significativos para a área da educação, neste sentido nos oportunizando uma ampla visão no dia a dia escolar, além da contribuição de autores pesquisados com vasto conhecimento no assunto estudado.

Além disso também utilizamos como recurso a abordagem de estudo de caso que se deu por meio da pesquisa de campo, para isso, entrevistamos alguns professores alfabetizadores que contribuíram com suas respostas nos apresentando rapidamente seu trabalho pedagógico para efetivar o processo de alfabetização e letramento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos objetivos apresentados e em síntese ao referencial teórico, podemos identificar os seguintes resultados por meio de análise da pesquisa de campo, que teve como público, professores pedagogos que atuaram e atuam na área da alfabetização.

Foram entrevistados quatro professoras e um professor. Destes apenas uma professora com pouca experiência nessa área. Vamos aqui identifica-los com letras do alfabeto para preservar suas identidades, chamaremos de “Professora A”, “Professora B” e assim por diante.

A primeira professora entrevistada é:

Professora A, leciona a trinta e cinco anos, formada em Magistério, Pedagogia, conta com pós-graduação na área de educação infantil e series iniciais, mestrado em educação.

A segunda professora entrevistada é:

Professora B, leciona a trinta e cinco anos, formada em pedagogia, pós-graduada em series iniciais.

A terceira professora entrevistada é:

Professora C, leciona a dez anos, formada em Pedagogia, pós-graduada em Neuropsicologia da Aprendizagem Escolar.

A quarto professor entrevistado é:

Professor D, lecionou durante trinta e sete anos, no ensino médio concluiu magistério, formado em filosofia e pós-graduado em Séries iniciais e pré-escola (Fafi palmas Pr), Eja campo (UFSC) Florianópolis.

A quinta professora entrevistada é:

Professora E, lecionou durante trinta e cinco anos, formada em Pedagogia, pos graduada em series iniciais.

Nossa primeira pergunta:

Há quanto tempo você leciona ou lecionou com alfabetização?

A professora A, leciona a vinte anos como alfabetizadora.

A professora B, leciona a vinte e cinco anos como alfabetizadora.

A professora C, leciona a seis anos como alfabetizadora.

O professor D, lecionou durante quinze anos como alfabetizador.

A professora E, lecionou durante trinta e cinco anos como alfabetizadora.

Em síntese ao trabalho, gostaríamos de saber de cada um o seu conceito sobre alfabetizar letrando?

A professora A respondeu da seguinte forma:

A alfabetização e o letramento são processos distintos, porém, devem ser simultâneos e indissociáveis. A alfabetização e o letramento ocorrem quando o ensino da leitura e da escrita resultam no uso que faremos dessas habilidades nas práticas sociais. Ou seja, o processo de alfabetização deve garantir ao aluno a apropriação do sistema alfabético bem como a possibilidade de uso pleno da leitura e escrita nas práticas sociais. Sendo assim, para alfabetizarmos devemos lançar mão dos gêneros textuais que circulam na sociedade.

A professora B respondeu:

É um grande desafio para o Professor, pois é um processo em que ao mesmo tempo, os alunos precisam compreender como é o funcionamento do sistema de escrita alfabética e as correspondências letra-som específicas do Português, de modo articulado e simultâneo aos usos sociais da escrita, a partir de variados gêneros textuais em diferentes suportes convencionais.

A professora C explicou:

É ter o conhecimento do mundo o saber cognitivo, e desenvolver a capacidade de transformar símbolos em som e som em grafemas.

O professor D disse que:

Orientar a criança para que aprenda a ler e escrever levando - a conviver com práticas reais de leitura e escrita.

A professora E conceitua:

A alfabetização é um processo contínuo, a professora que trabalha com as séries iniciais está sempre em processo de alfabetização, portanto é necessário conhecer as crianças e os seus desenvolvimentos psicológicos, familiares e sociais. Afinal, cada criança possui o seu próprio processo de desenvolvimento, algumas irão adquirir as habilidades de leitura e escrita de maneira mais rápida, e outras de maneira mais lenta. Portanto, é preciso que as professoras busquem conhecer essas realidades para conseguir orientar, de maneira mais coerente, a aprendizagem dessas alunas e alunos.

Diante de um complexo processo que é alfabetizar, perguntamos aos professores: Qual seu sentimento ao assumir uma turma para alfabetizar?

A professora A, relatou:

Alfabetizar não é um processo fácil, por isso ao assumir uma turma de alfabetização sinto o peso da responsabilidade de além de ensinar o estudante a ler e escrever, que ele saiba usar isto quotidianamente na sua vida, de modo a transformar-se e contribuir na transformação da sociedade.

A professora B menciona:

Meu sentimento é de afeto, cuidado e a certeza que todos os alunos tem capacidade de aprender.

A professora C, diz:

O sentimento de responsabilidade em fazer com que a turma evolua no processo da aprendizagem, fazendo com que cada criança adquira as habilidades necessárias dominando seus conhecimentos.

O professor D, relata:

Sentimento de responsabilidade em desenvolver um bom trabalho, para que as crianças consigam aprender ler e escrever com autonomia.

A professora E, fala sobre:

Era sempre um desafio diário, pois não conhecemos a realidade dos nossos alunos. É um sentimento que envolve o conhecimento adquirido na graduação, as leituras e aperfeiçoamentos, em contrapondo à prática de sala de aula. A necessidade de transferir o aprendizado para os alunos é, muitas vezes, um desafio, pois é difícil compreender as realidades dos alunos, das famílias, da escola, e equilibrar tudo isso com as suas expectativas em relação à sua formação. Muitas vezes chegamos à escola com um ideal de educação e de processo de ensino aprendizado que não existe, e precisamos nos adaptar à realidade que encontramos, buscando sempre realizar nosso trabalho da melhor maneira possível.

Com relação as dificuldades enfrentadas, surge a seguinte pergunta:

A falta de apoio pedagógico prejudica a prática do seu trabalho como alfabetizador?

A professora A, responde claramente o que sente no dia a dia enquanto alfabetizadora:

Acredito que o reforço Pedagógico é importantíssimo para proporcionar equidade no ensino aprendizagem. Sabemos que nem todos aprendem do mesmo modo, nem ao mesmo tempo, sendo assim, oferecer o apoio pedagógico ao estudante que apresenta dificuldades em um ou em vários campos do conhecimento é uma forma de proporcionar a todos a oportunidade de aprendizagem, além de ser

um direito de todos.

A professora B:

Sim, com certeza. Teremos resultados significativos quando a equipe diretiva, coordenadores pedagógicos e equipe multidisciplinar estão conectados e trabalhando com o mesmo propósito: “Alfabetizar letrando todos os alunos, respeitando a individualidade de cada um, sem deixar nenhum para trás”. Interagir com o outro e visualizar novas práticas, abre um leque de possibilidades, ressignificando os processos de ensino e de aprendizagem, influenciando positivamente os resultados dos alunos.

A professora C:

O apoio pedagógico é muito importante, mas que se não tiver o incentivo da família, o aluno não ter interesse, pouco vai adiantar o apoio pedagógico.

O professor D:

Sim.

A professora E:

Sim, com certeza. Hoje em dia, praticamente todas as redes educacionais, sejam públicas ou privadas, possuem algum tipo de apoio pedagógico, que muito contribui para que as alunas e alunos com dificuldade sejam atendidos. Na minha trajetória como professora, iniciada em 1976, com turmas multiseriadas em escolas isoladas (a primeira delas sendo a Escola Isolada Linha Baliza em Xaxim/SC), eu era minha própria equipe, fazendo desde a merenda, limpeza geral (pátio e sala de aula), todas as disciplinas, incluindo educação física e artes, além de dar conta de todas as dificuldades de aprendizagem das crianças, então, as equipes pedagógicas que existem hoje, auxiliando as professoras e professores, fazem sim, toda a diferença no processo.

Pedimos a eles que em poucas palavras como eles definem o processo de alfabetização?

A professora A:

O processo de alfabetização consiste no ensino aprendizagem da leitura e da escrita com o uso de gêneros presentes na sociedade e para o uso da língua nas práticas sociais. Lembrando que a Alfabetização deve ser acontecer concomitante ao Letramento.

A professora B:

Estar alfabetizado significa ser capaz de interagir por meio de textos escritos em diferentes situações. A criança alfabetizada compreende o sistema alfabético de escrita, sendo capaz de ler e escrever, com autonomia.

A professora C:

É um processo não natural, ou seja, se não ensinar a criança não vai aprender, e que vai muito além da leitura e da escrita.

O professor D:

Aquisição de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever.

A professora E:

É uma construção de saberes entre professoras/professores e alunas/alunos. Devemos sempre levar em conta a vivência, meio familiar e bagagem social das/dos alunas/alunos, construindo e ampliando a partir do que eles já conhecem.

Percebemos que muitas vezes um alfabetizador não é compreendido e valorizado como devia, pois, traz a excelência de formar a base estrutural da vida acadêmica dos alunos. Com tal reflexão gostaríamos de saber dos nossos entrevistados, Quais as principais dificuldades que você enfrenta(ou) no processo de alfabetizar?

A professora A:

Uma das grandes dificuldades que enfrentei e acredito ainda hoje se enfrenta se refere a falta de estrutura das famílias. Sabemos que muitas famílias não dão a devida importância ao processo de aprendizagem. Outras, devido à baixa escolaridade não conseguem ajudar seus filhos neste processo. * Outra dificuldade que enfrentei, foi a falta de preparo para lidar com a grande diversidade de dificuldades encontradas na sala de aula. Percebo que isto tem aumentado significativamente, no entanto, as agências de formação de professores não têm dado conta de aprimorar os profissionais para atuarem com mais êxito.

A professora B:

Chegada dos alunos em diferentes condições e diferentes ritmos de aprendizagem.

Ensinar algo que não é natural. É um processo que tem a ver com a socialização, que exige que diferentes sistemas neurocognitivos trabalhem em conjunto

Não deixar nenhum aluno para trás.

A professora C:

A vontade intrínseca dos alunos, pois se o aluno não tiver disposto a aprender ele não vai aprender, a vontade de vir do aluno, pode ser o melhor professor se a criança não tiver interesse, fica difícil.

O professor D:

Fatores socioeconômicos.

A professora E:

Falta de apoio pedagógico com as alunas e alunos que apresentavam dificuldades no processo de alfabetização, esse fato ocorreu principalmente em meu início de carreira.

Qual a importância do ato de ler e escrever na vida de uma criança? Quais os prejuízos sofridos por uma pessoa não alfabetizada, na sua visão?

A professora A:

Vivemos em uma sociedade letrada. O domínio da leitura e da escrita são essenciais para a integração social e para o exercício pleno da cidadania. Consequências sofridas pela não alfabetização: • Exclusão/isolamento social tendo em vista que a pessoa analfabeta tem reduzido seu exercício de cidadania, • Desemprego ou subemprego • Pobreza • desinformação....

A professora B:

O ato de ler e escrever transforma o indivíduo de diversas maneiras, pois vai fazer com que ele entenda melhor sobre o aspecto social e cultural. As consequências das pessoas não alfabetizadas é a dificuldade na inserção no mercado de trabalho e a dificuldade de ser o protagonista da sua própria história.

A professora C:

Saber ler e escrever dá liberdade, faz compreender o mundo a sua volta, pode ser uma fonte de aprendizado e diversão, a leitura e a escrita vieram para ampliar a memória humana, dando mais conhecimento. Por exemplo saber ler e escrever nos dá a forma de registro daquilo que é falado, pois o que a gente fala, a gente esquece, mas se escrever ficará registrado. Consequentemente uma pessoa não alfabetizada, terá um emprego ruim, ganhará pouco, não poderá acompanhar as tecnologias, ficando limitado seu conhecimento e prejudicando sua vida futuramente.

O professor D:

Por meio da leitura, a criança desenvolve a imaginação, a criatividade, ajuda a compreender o mundo da oralidade e da escrita, além de adquirir cultura, conhe-

cimentos e valores. Na minha concepção, uma pessoa não alfabetizada terá um acesso limitado aos bens culturais, bem como, as informações inseridas na sociedade, inclusive, o acesso ao trabalho.

A professora E:

A criança alfabetizada, tanto na leitura e quanto na escrita, aprende a valorizar o conhecimento, conseguindo enfrentar os problemas do seu dia-a-dia e se inserindo na sociedade, buscando seu aprimoramento de maneira íntegra. As pessoas não alfabetizadas ficam à mercê da sociedade, não conseguindo, muitas vezes, bons trabalhos, o que leva a uma precarização da sua vida como um todo.

Em síntese a pesquisa, perguntamos: Quando podemos considerar uma criança alfabetizada e, finalmente letrada?

A professora A:

A criança está plenamente alfabetizada quando domina o uso do sistema de escrita alfabética na leitura e na escrita. Já o processo de letramento é permanente e contínuo, só se encerra quando se finda a vida.

A professora B:

Uma pessoa que sabe ler e escrever, é **alfabetizada**.

Quando o aluno utiliza a leitura e a escrita nos mais variados contextos e é capaz de compreender e interpretar um texto, falar com clareza e se expressar de forma eficaz, torna-se então indivíduo **letrado**.

A professora C:

Quando ela dominar a leitura, ter compreensão e interpretar o que está lendo, pois ela precisa dominar os conhecimentos sociais de leitura e escrita, que são as bases da leitura e da escrita.

O professor D:

Quando a criança é capaz de escrever e ler frases simples, um bilhete, etc.

A professora E:

A meu ver, uma criança pode ser considerada alfabetizada quando consegue ler e interpretar textos em diferentes situações da vida prática, exemplo: conseguir entender uma nota fiscal de supermercado, compreender uma bula de remédio, localizar-se nas ruas da cidade.

Quando a alfabetização não ocorre no tempo esperado para uma criança em nível esperado de desenvolvimento (normal), quais são os principais procedimentos de intervenção que cabem ao professor?

A professora A:

O professor deve:

- Diagnosticar as dificuldades que estão impedindo que o processo de alfabetização se consolide.
- Realizar atividades diversificadas e pontuais a fim de sanar as dificuldades diagnosticadas e lograr êxito no processo de alfabetização.
- Diversificar a metodologia de ensino-aprendizagem.
- Proporcionar atividades de reforço/recuperação de conteúdos não consolidados.

A professora B:

Esgotados todas as estratégias e recursos disponíveis, encaminhar para a equipe multidisciplinar da escola.

A professora C:

Acompanhar o desenvolvimento do aluno, e caso perceba um nível de dificuldade, encaminhar para uma avaliação, procurando saber o que está acontecendo com o desenvolvimento da criança.

O professor D:

Pesquisar, estimular, diversificar.

A professora E:

Continuar buscando maneiras para que a alfabetização aconteça. Solicitar o auxílio da equipe pedagógica, para que seja feita uma avaliação de possíveis diagnósticos que auxiliem na descoberta dos motivos pelos quais a criança não aprende, que podem ser neurológicos, psicopedagógicos, emocionais, físicos, entre outros.

O processo de alfabetização e letramento é complexo, difícil e desafiante para que o enfrenta. É necessário ser consciente de que exige muito estudo, força de vontade e dedicação. Por isso, perguntamos: O que você me sugere para iniciar a carreira como professora alfabetizadora?

A professora A:

Muita leitura, muito estudo, vontade de aprender sempre, compromisso com o trabalho e com a criança, respeito às diferenças dos alunos (formas e tempo de aprendizagem) ...

A professora B:

Muito amor, dedicação, disciplina e entender que para a aprendizagem da

leitura e da escrita aconteça é necessário um processo sistemático, intencional e prolongado. Materiais didáticos e pedagógicos apropriados e que estimulem, tais como livros didáticos, paradidáticos, obras de literatura, jogos e mídias variadas e manter-se atualizado com as novas pesquisas didáticas é de suma importância também.

A professora C:

Gostar de crianças;

Ser paciente pois enfrentará muitos obstáculos e desafios;

E estar buscando sempre novos conhecimentos.

O professor D:

Ser afetuosa, mas também saber identificar e driblar as manhas das crianças. Entender que a brincadeira e a imaginação são ótimos instrumentos de aprendizagem. E levar a vida em sala de aula mais leve, com alegria e afetividade.

A professora E:

É um desafio, pois temos uma turma de no mínimo 20 ou 25 discentes, cada uma/um com sua vivência sócio familiar, temos que conhecer a cada uma/um, respeitando seus desenvolvimentos psicomotor e emocional. Busque desenvolver atividades de entrosamento da turma (cantar, recortar, pintar, conhecer seus corpos, dançar), organize sua sala de aula de maneiras diferentes sempre que possível, como se todo dia fosse uma festa (carteiras em círculo, em duplas, misturando os grupos de alunos para que interajam entre si, os que têm mais dificuldade com os que têm menos dificuldade, falantes com os que não falam muito). Sempre que possível procure mostrar a vida prática para suas alunas e alunos, passeios ao supermercado, lojas, correios, rádio, sítios, empresas, indústrias (essas atividades todas eu pude desenvolver com minhas alunas e alunos, hoje em dia talvez algumas delas sejam mais difíceis). Trabalhar com atividades que envolvam a prática, como realizar receitas, montar ambientes em sala de aula (exemplo: minimercado com embalagens trazidas pelos alunos). Conhecer os arredores da escola, bairros e os ambientes das crianças, museus e pontos turísticos, enfim, todo tipo de atividade que envolva as alunas e alunos em dinâmicas extraclasse, que agreguem ao processo de ensino-aprendizagem, afinal, aprende-se em todos os momentos.

Relacionando ao nosso estudo, perguntamos a eles: Em qual(is) autor(es) você baseia os principais fundamentos de sua prática pedagógica? Por quê?

A professora A:

Do início até hoje posso citar alguns autores que permearam minha prática pedagógica. Por ordem, do início até hoje: • Paulo Freire • Ana Teberoski • Emília Ferreiro • Lev Vygotsky • João Vanderlei Geraldi • Bernardi Schneuwly • Magda Soares.

A professora B:

Jean Piaget, Emília Ferreiro, Ana Terbosky e Magda Soares, dentre outros.

A professora C:

Piaget, porque ele fez observações sobre o processo de conhecimento pelo ser humano e desenvolveu as teorias de desenvolvimentos que nos dá um norte de como ocorre o desenvolvimento das crianças.

Emília ferreiro, porque foi a mãe da psicogênese da língua, apresentando novos métodos de processo ensino- aprendizagem.

Vygotsky, porque tem sua teoria que diz que o ambiente também modifica o indivíduo.

Egídio José Romanelli, diz que a neuropsicologia é aquela que estuda como um todo e qualquer comportamento é organizado e controlado pelo cérebro, e que merece o título de rainha das neurociências, porque seu objeto de estudo é a explicação de como nasce, como se desenvolve e como se mantém o comportamento humano;

Cristina Cador Sana, porque diz que não se deve deixar o problema se agravar e achar que as dificuldades é uma fase passageira.

Eu procuro me basear segundo o que esses autores pesquisaram.

O professor D:

Jean Piaget, porque as teorias que ele nos traz, nos ajudam a compreender o que esperar das crianças, de que modo elas percebem o mundo ao seu redor nas diferentes idades.

A professora E:

Em meus muitos anos de prática, os principais autores que se destacaram foram Paulo Freire e Maria Montessori, por conta de suas teorias que relacionam o fazer prático da vida ao aprendizado escolar. Entre outros autores que estiveram

presentes na minha formação, posso citar: Jean Piaget, Lev Vygotsky, B. F. Skinner, Moacir Gadotti, José C. Libâneo, Dermeval Saviani.

Os professores entrevistados trazem consigo uma vasta bagagem como alfabetizadores, estudam muito e relacionam-se com os teóricos que estudamos neste trabalho, neste sentido, sugerimos a eles: Compare o sucesso de seu trabalho como professor alfabetizador no início da carreira com o seu desempenho como alfabetizador experiente. Conte-me um pouco da sua história (experiências frustrantes e exitosas):

A professora A:

Iniciei como professora alfabetizadora há 38 anos atrás com muitas incertezas, mas muita vontade. Fiz meu magistério no Colégio Santa Terezinha de Curitiba. Olhando para trás, posso considerar que saímos preparados para enfrentar qualquer turma. Meu curso de magistério me preparou para alfabetizar usando os cartazes de experiência e o método da abelhinha (fonético). Saímos com todo o material preparado durante o curso. Iniciei minha profissão em escola multisseriada, onde trabalhava com 4 turmas em uma só sala. Não tínhamos livros didáticos, todas as atividades eram produzidas por nós professores. Na alfabetização, meu objetivo era basicamente chegar ao final do ano com os alunos da primeira série lendo, escrevendo, conhecendo números e realizando operações. Raramente algum aluno não se alfabetizava ao final do ano. Senti a necessidade de continuar me preparando. Cursei a graduação e pós-graduação, mas nunca deixei de aperfeiçoar-me para aprimorar meu trabalho. Fui tutora dos cursos de Pró-Letramento em Língua Portuguesa e do PNAIC, durante alguns anos no município. A preparação para ministrar estes cursos foi importantíssima para meu aperfeiçoamento na Alfabetização e Letramento. Foi um divisor entre a alfabetizadora que fui e que me tornei, após as formações que nos foram proporcionadas. Sei que tenho muito a aprender. Parece-me que os desafios hoje são maiores e mais complexos do que em tempos passados. Mal damos conta de alfabetizar os alunos ditos “ normais” e precisamos aprender a lidar com uma vasta gama de diversidade, o que não raras vezes nos deixa frustrados pois nem sempre conseguimos êxito no processo de alfabetizar.

A professora B:

Minhas experiências como alfabetizadora foram excelentes desde o início da minha carreira, pois ainda muito jovem, trabalhei como auxiliar em turmas de alfabe-

tização. Com experiências exitosas precocemente, fui aprimorando e observando dia a dia como acontece o processo da leitura e da escrita.

A professora C:

No começo da minha carreira eu tinha só a teoria, mas foi a prática e meu curso de pós-graduação que me fizeram compreender e entender como funcionava a teoria. No início da minha carreira trabalhei com duas turmas de 3^o anos na escola São José, uma no período da manhã e outra no período da tarde, tive muita dificuldade, porque até o mesmo plano não dava certo, tive que mudar plano, porque os níveis de aprendizagem eram diferentes de uma turma para outra, nem sempre as turmas vão aprender da mesma maneira, o que dava certo com a turma da manhã não dava certo com a turma da tarde. Aprendi muito com meus erros e acertos. Até que a professora que eu estava substituindo voltou e eu fiquei de segunda professora na turma da manhã que era uma turma muito boa e observava como a professora que estava em final de carreira fazia e foi assim que comecei a adquirir mais experiência e me identificar mais com alunos de alfabetização. A tarde eu trabalhava na creche e embora eu gostasse muito de crianças era uma coisa rotineira e eu não gostava de coisa monótona, então fiquei mais uns anos na educação infantil até aparecer a oportunidade de trabalhar na escola, também com um 3^o ano, nesse período veio para minha sala uma aluna de uma escola particular que tinha como diagnóstico a Síndrome de Asperger e que segundo a tia o médico disse que as chances dela ser alfabetizada era de 1%, então estava ali meu grande desafio, com a ajuda da professora da sala de AEE, conseguimos alfabetizá-la e ela se tornou uma das melhores alunas da sala, Para mim foi muito gratificante conseguir uma coisa que parecia impossível em início de carreira. Visto que eu estava me aprimorando cada vez mais, senti que era na alfabetização que eu queria ficar. Pois quando você começa a perceber a evolução das crianças você se encanta.

Por fim, teoria e prática devem andar juntas, porque conhecimento é necessário para você saber explicar, mas a prática lhe deixa cada ano melhor para ensinar seus alunos. Então a cada ano que você vai adquirindo experiência vai facilitando seu trabalho e melhorando também o desempenho dos seus alunos. A prática contribui muito para o sucesso de seu trabalho.

O professor D:

Iniciei a lecionar em 1981, com a oitava série na Escola Isolada Estadual São

Sebastião em Xaxim, Santa Catarina. Não sabia o que fazer na sala, copiava os conteúdos de outras professoras e passava no quadro. Com o passar dos dias fui entendendo o trabalho do professor, haviam 27 alunos com quatro séries (Escola Multiseriada). Eu nem sei como alfabetizei 5 alunos ao final de 1981.

De 1982 a 1983, lecionei em Anchieta na Escola Municipal Sanga Azul Multiseriada, com 23 alunos, o Professor dava aula e fazia merenda, era difícil conciliar o ensino com a cozinha, muitas vezes na reunião de pais, decidia-se em dividir os alimentos igualmente entre as famílias, com isso haveria mais tempo para ensinar.

Na Escola de Campo, trabalhava-se a realidade, com muitos passeios, aulas ao ar livre, piqueniques e produção de textos, convidando as pessoas para visitar a escola ou os alunos visitavam a propriedade.

De 1983 a 1987, trabalhei como Professor de Arte e PPT (Preparação Para o Trabalho).

Na Escola de Educação Básica Professor Osni Paulino da Silva, em Anchieta – SC. Neste período havia concluído o Magistério (1984). Muito contribuiu para o ensinar na escola; preparava as aulas com objetivos e estratégias, havia o mimeógrafo, chegávamos cedo na escola para passar os desenhos e na sequencia embebedar a almofada com álcool e fazer as cópias. Que felicidade! As apostilas nos cursos todas mimeografadas com estêncil colorido: azul, verde e vermelho. Aprendíamos a fazer cartazes de “Boas Vindas”, “Boas Maneiras”, “Orações” e outros. Nos ensinavam como deveríamos escrever no quadro e ensinar para os alunos, escreve-se da direita para baixo. Fazíamos muito treino de caligrafia.

Em 1988, lecionei na Escola de Sede Rosário, em Romelândia – SC, com terceira série, participávamos dos eventos da comunidade, missas, enterros, Corpus Christi, piqueniques, jogos de futebol, corridas de cavalos nos acampamentos do MST, em tudo fazíamos produção de textos e pesquisas. Dávamos aula no cemitério, geografia, português e matemática.

Em 1989, nossa família mudou-se para Fraiburgo.

De 1989 a 1994, lecionei no CAIC, no Bairro São Miguel, com primeira série, tendo 29 alunos, trabalhávamos com a história do aluno, pesquisando o seu registro de nascimento e na alfabetização com cantigas de rodas, cartaz experiência, pesquisa com a letra estudada, V de VACA, visitávamos uma propriedade que havia vacas, fazíamos café, tirávamos o leite. Produzíamos textos, pedíamos receitas para

fazer bolo com os ingredientes da VACA e LEITE. Neste tempo podíamos fazer receitas na escola, nenhuma criança morreu por fazer experiências em gastronomia na sala, hoje é proibido.

Neste período de 1989 a 1994, lecionei na Escola Sede Sapientiae, em 1989, com o primeiro ano, havia concluído o Magistério e Filosofia, tinha uma visão mais crítica da realidade em Pedagogia histórico-crítica. A alfabetização ocorria principalmente através do trabalho da família M de Maçã, meios de produção, exploração, salário, preservação da natureza, agrotóxicos. Constantemente em conflito com a sociedade, pois diziam que a Escola não deveria trabalhar além das paredes.

Uma experiência constrangedora que apliquei na sala foi do “Bicho Preguiça”, para os alunos que não faziam os trabalhos. Aqueles que realizam tudo, subiam de nível: a pé, a cavalo e de avião. Quando chegavam no avião, ganhavam um prêmio. Esta experiência que para mim foi constrangedora, e para muitos alunos, foi substituída por um passeio o piquenique.

Amava cantar e brincar de cantigas de roda, levava para a sala, esmaltes, batom e brinquedos, deixava nas mesas para brincar e fazer teatro. Tínhamos gibis, revistas, cola, roupas para teatro, caixas de papelão, para o lúdico na alfabetização.

De 1995 a 2018, lecionei na Escola de Educação Básica Dom Daniel Hostin em Matos Costa –SC, nas séries iniciais.

A professora E:

Uma das principais diferenças entre o início da carreira e o final é justamente a falta de experiência, não apenas no fazer didático, mas principalmente dos procedimentos burocráticos que envolvem o exercício da docência (relatórios, diários, boletins, planejamentos, planos de aula para cada uma das aulas, entre outros). Além disso, é necessário perceber que, entre o final da década de 1970 e o final da década de 2010, houve mudanças significativas nas escolas, desde os materiais mais básicos disponíveis, tintas, lápis de cor, cadernos, livros, materiais de sala de aula (quadro e giz), o apoio pedagógico, a estrutura das escolas e até mesmo a forma de organização das turmas e da maneira de trabalhar. No início, trabalhava como professora de turmas multiseriadas, no final de minha carreira, depois de mais de vinte anos lecionando na mesma escola (Escola de Educação Básica Gonçalves Dias), conhecendo profundamente a realidade dos alunos e da comunidade, pude em parceria com minhas colegas, subverter a própria lógica de

organização das turmas e das disciplinas. Quando penso em frustrações elas nunca estão na esfera didática, em relação aos alunos não aprenderem ou não se alfabetizarem. Elas existem quando penso nas muitas alunas e alunos que passavam necessidades básicas, alimentação, vestuário, famílias desestruturadas, enfim, são coisas que muitas vezes não fazem parte da teoria do ensino aprendizagem, mas que interferem e muito no cotidiano e no desenvolvimento das crianças. Em nossa prática pedagógica devemos sempre levar em consideração os alunos e alunas mais carentes, tanto aqueles com carências materiais, quanto emocionais e familiares. As experiências exitosas são muitas, mas a melhor de todas é poder encontrar meus ex-alunos adultos e eles se lembrarem de atividades práticas realizadas em sala de aula, passeios, confidências e do carinho, afinal, as memórias que são levadas para a vida toda são as das experiências, e não as dos textos copiados do quadro negro. Nós, enquanto professoras nas séries iniciais ficamos mais tempo próximas dos nossos alunos, muitas vezes, do que a própria família, e é impossível que não façamos a diferença na vida deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de analisar como ocorre o processo de alfabetização e letramento com ênfase no trabalho do professor, foi pesquisado o conceito de diversos autores que dominam o assunto sobre o tema em questão.

Partindo do conceito de que alfabetização ocorre quando o indivíduo é capaz de decodificar letras e números, mas que o letramento é um processo permanente, sendo que isso ocorre antes mesmo de o aluno chegar a escola, ou seja, é decorrente aos conhecimentos prévios que a criança traz consigo que aliando ao trabalho pedagógico pode se transformar em aprendizagem.

Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da, e por meio da aprendizagem do sistema de escrita (SOARES, 2004a, p. 97).

A realização do trabalho nos permitiu conhecer os processos de alfabetização e letramento, refletindo sobre o trabalho docente nesta etapa do ensino, considerando que o mundo da leitura e escrita abre as portas do conhecimento, desta maneira o ato de ler e escrever torna-se indispensável na vida das pessoas.

Evidentemente que o processo de alfabetizar e letrar não é uma tarefa fácil, exige do professor inúmeras experiências, formações e capacitações constantes, diversas estratégias de ensino, agregando e diversificando novos métodos para facilitar a aprendizagem dos alunos, entendendo que cada indivíduo tem suas características próprias, culturas e modos de aprender diferente.

A pesquisa possibilitou trazer uma reflexão sobre este trabalho tão esplêndido realizado por professores alfabetizadores que trabalham incansavelmente dedicando seu tempo na escola e muitas vezes fora dela, planejando, buscando recursos diversificados para aplicar em sala de aula. Foi possível perceber que mediar e promover o ensino aprendizagem com significado vai muito além do contexto educacional, ou seja, as crianças precisam vencer muitos desafios diários, assim como também o professor precisa estar atento as dificuldades de cada aluno e intervir da maneira correta.

A partir da pesquisa, percebemos que alfabetizar e letrar demanda do

professor o comprometimento em inserir o aluno no mundo letrado, colocando-o em situações de desafios e hipóteses com o intuito de leva-los a interpretar o que se lê e o que se escreve.

Desta forma, a experiência neste contexto de estudo permitiu identificar por meio da pesquisa de campo, que são inúmeros os desafios que se tem ao assumir uma turma de alfabetização, é preciso que o professor tenha entusiasmo, afeição, responsabilidade e comprometimento para com seus alunos que estão ingressando na vida acadêmica. Notoriamente os professores entrevistados atuam e atuaram com excelência na carreira docente, correspondem a um padrão de seriedade e responsabilidade nesta profissão tão nobre. Dos profissionais que responderam a entrevista, quatro deles puderam acompanhar tempos distintos de mudança e evolução na área da alfabetização, pois atuaram desde a década de 1970.

Essas experiências relatadas na entrevista nos servem de reflexão de um mundo em constante evolução e diante de ideias tão diversificadas, necessita-se que seja realizado um trabalho onde seja valorizado o sujeito como ser autônomo e construtor da sua própria identidade.

Sugerimos que todos os profissionais principalmente os alfabetizadores nunca deixem de se aperfeiçoar, que sempre criem caminhos e alternativas para possibilitar diferentes formas de ensino, valorizando as diferenças encontradas na sala de aula. O professor alfabetizador precisa amar sua profissão e seus alunos para conseguir êxito e sucesso, pois a criança só aprenderá quando perceber segurança no professor que lhe ensina.

Conclui-se que para haver ensino aprendizagem efetivamente, o educador deve estimular sempre a leitura e diversificar atividades de acordo com o cotidiano, facilitando o entendimento do mesmo e estar em constante processo de formação a fim de poder melhorar cada vez mais sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Fabiano Sales de; AMARAL, Nair F. Gurgel do. **Alfabetização e Letramento**: dois conceitos distintos que se completam. In: SOARES, Ilma Maria Fernandes; ALMEIDA, Márcia Tereza Fonseca; SILVA, Renato Martins e (Org.). Rio de Janeiro: Dictio Brasil, 2017.
- BRAGA, Regina Daucia de Oliveira. Psicogênese da língua escrita e aprendizagem: implicações para o processo de alfabetização. **Revista científica cognitionis**, v. 02, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://unilogos.org/revista/2019/08/30/psicogenese-da-lingua-escrita-e-aprendizagem-implicacoes-para-o-processo-de-alfabetizacao>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- BRASIL. Secretaria da Educação. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: formação do professor alfabetizador. Caderno de apresentação. Brasília: Ministério da Educação, 2016. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/doc_orientador/documento_orientador_2016.pdf. Acesso em: 01 maio 2021.
- BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referenciais para a Formação de professores**. Brasília: MEC / SEF, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48631-reformprof1&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 01 maio 2021.
- CARVALHO, Raquel Ester Kaminski de. ALFABETIZAÇÃO: percepções de práticas pedagógicas. **Revista Evento Pedagógico**, Sinop, v. 7, n. 2, p. 541-555, jun./jul. 2016. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/search/results>. Acesso em: 01 maio 2021.
- CHARTIER, Anne-Marie; CLESSE, Christiane; HÉBRARD, Jean. **Ler e escrever**: entrando no mundo da escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FERNANDES, Pollyana Pereira; OLIVEIRA, Kleonara Santos; MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. Literacy under the perspective of Paulo Freire. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11383>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.
- FRAGO, Antônio Viñao. **Alfabetização na sociedade e na história**: vozes, palavras e textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: Em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Ronaldo. **Alfabetização**: leituras do mundo, leituras da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

LACERDA, Wendell Lima. **Alfabetização e Letramento**: há idade certa para esta prática? Diálogos e Contrapontos: Estudos Interdisciplinares, v. 1, n. 1, 2017.

Disponível em:

<http://www.isesjtperiodicos.com.br/index.php/dialogosecontrapontos/article/view/15/26>. Acesso em: 19 mar. 2021.

LEAL, Sandra do Rocio Ferreira; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **A importância do ato de ler**: aproximações e distanciamentos teórico-metodológicos em Paulo Freire. Pro-Posições, Campinas, v. 30, e20180024, 2019. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072019000100552&tlng=pt. Acesso em: 22 mar. 2021.

LEMOS, Eliana Murta. **Proposta de estímulo à leitura no ensino fundamental do instituto educacional conhecer, construir e viver**. 2009. Monografia (Pós-graduação em Supervisão Escolar) - Universidade Cândido Mendes, Joáima / mg, 2009. Disponível em:

https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/32843.pdf. Acesso em: 02 abr. 2021.

LIMA, Eciône Félix De. **As contribuições da psicogênese da língua escrita para a compreensão do processo de alfabetização**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em:

<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68008>. Acesso em: 04 abr. 2021.

LOTSCH, Vanessa de Oliveira. **Alfabetização e letramento**: uma visão geral. São Paulo: Cengage Learning, 2016. Livro eletrônico. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788522123575>. Acesso em: 06 mar. 2021.

LUCON, Juliana Stephan; ZIBETTI, Maria Lucia Tonatto. Alfabetização de crianças: concepções e perspectivas. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 10, n. 1, p.1-25, 2020.

Disponível em:

<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1256>. Acesso em: 14 mar. 2021.

MARQUES, Luíza Nunes; BORGSMANN, Marta Estela. **Formação do professor alfabetizador**. In: Anais X Seminário Internacional de Alfabetização, 2018. Ijuí.

Disponível em:

<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/alfabetizacao/article/view/8655>. Acesso em: 26 abr. 2021.

MATIAS, Luciana Varela Rocha. Alfabetização Infantil e o mundo da escrita. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, vol. 11, n. 34, p. 340-361, fev. 2017.

Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/694>. Acesso em: 18 abr. 2021.

MONTEMOR, Nelma. **A. Alfabetização e letramento**: o processo de aquisição de leitura e escrita. *Akrópolis*, Umuarama, v. 28, n. 1, p. 27-35, jan. /jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/6683>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: UESP, 1996.

OLIVEIRA, Andrea Cosme de. **Alfabetizar Letrando**: o desenvolvimento da leitura e da escrita por meio da cantiga de roda. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, v. 6, n. 2, 19 dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/1533>. Acesso em: 20 fev. 2021.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola**: espaço para gostar de ler. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SCHOTTEN, Neuzi. **Processos de alfabetização**. 2. ed. Indaiá: Uniasselvi, 2011. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=6256>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SILVA, Franciele Adriana da. **Psicogênese da língua escrita**: contribuições e equívocos. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, v. 3, n. 1, p. 146-163, 2016. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104525.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2021.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica editora, 1998.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004a.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**: caminhos e descaminhos. *Revista Pátio*, ano 8, n.29, p. 96 – 100. fev. /abr. 2004b. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2021.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2015.

VAL, Maria da Graça Costa. **O que é ser alfabetizado e letrado?** In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). *Práticas de Leitura e Escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

SOUSA, Dijan Leal de; PINHO, Maria José de. A função social da biblioteca: contribuições para a formação de leitores. **Revista ENTRELETRAS**, Araguaína, v. 10, n. 2, p. 141-153, jul/dez 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/7924/15957>. Acesso em: 02 abr. 2021.

VIGOTSKI, Levi Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VILARINO, Josiane Benedito. **O ensino fundamental de nove anos: as concepções das professoras a respeito dos três primeiros anos para o processo de aquisição da leitura e da escrita**. 2016. Dissertação (Mestrado em educação) - da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6548>. Acesso em: 25 fev. 2021.

WERNECK, Hamilton. **Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora DP & A, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS

PESQUISA DE CAMPO:

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM OLHAR REFLEXIVO PARA A IMPORTANTE PRÁTICA DO PROFESSOR

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

1 –FORMAÇÃO

1.1- Nome:

1.2-Sexo: M___F___

1.3-Tempo de docência: _____

1.4-Formação escolar:

1.5-Graduação:

1.6-Pós-graduação:

1.7- Outros

2- QUESTIONÁRIO

2.1- Há quanto tempo você leciona ou lecionou com alfabetização?

R:

2.2- Qual seu conceito sobre alfabetizar letrando?

R:

2.3- Qual seu sentimento ao assumir uma turma para alfabetizar?

R:

2.4- A falta de apoio pedagógico prejudica a prática do seu trabalho como alfabetizador?

R:

2.5- Em poucas palavras como você define o processo de alfabetização?

R:

2.6- Quais as principais dificuldades que você enfrenta(ou) no processo de alfabetizar?

R:

2.7- Qual a importância do ato de ler e escrever na vida de uma criança? Quais os prejuízos sofridos por uma pessoa não alfabetizada, na sua visão?

R:

2.8- Quando podemos considerar uma criança alfabetizada e, finalmente letrada?

R:

2.9- Quando a alfabetização não ocorre no tempo esperado para uma criança em nível esperado de desenvolvimento (normal), quais são os principais procedimentos de intervenção que cabem ao professor?

R:

2.10- O que você me sugere para iniciar a carreira como professora alfabetizadora?

R:

2.11- Em qual(is) autor(es) você baseia os principais fundamentos de sua prática pedagógica? Por quê?

R:

2.12 – Compare o sucesso de seu trabalho como professor alfabetizador no início da carreira com o seu desempenho como alfabetizador experiente. Conte-me um pouco da sua história (experiências frustrantes e exitosas):

Grata por dispor seu tempo a responder minha pesquisa. Estou à disposição para apresenta-lhe o resultado obtido, caso venha interessar-lhe.

Att;

Genecis Perachi da Silva



FUNIARP - Entidade Mantenedora
 Fundação Universidade Alto Vale do Rio do Peixe
 CNPJ: 02.798.828/0001-00

**APÊNDICE D – DECLARAÇÃO DE CONFORMIDADE DO TCC E
 RECOMENDAÇÃO PARA APRESENTAÇÃO EM BANCA**

Fraiburgo, 28 de junho de 2021.

Para: Deize Maria Baretta, Professora Coordenadora do Curso de Pedagogia,
 Responsável pelos Trabalhos de Conclusão de Curso
 Curso de Pedagogia, Fraiburgo, SC.

Declaro, para os devidos fins, sobre o trabalho intitulado ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A IMPORTANTE PRÁTICA DO PROFESSOR, realizado como Trabalho de Conclusão de Curso pela aluna Genecis Perachi da Silva, sob minha orientação, que procedi à revisão final do texto, constatando que o mesmo atende as especificações da norma para apresentação de trabalhos acadêmicos da UNIARP, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação. Além, disso realizei a análise antiplágio pelo *software* Plagius (anexada a esta declaração), bem como não observei condutas fraudulentas na realização da pesquisa pelo acadêmico. Assim, meu parecer é de que o trabalho está recomendado para apresentação em banca aberta.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Atenciosamente,

Anete Müller Carvalho

Nome do (a) Professor (a) Orientador de TCC

Campus Caçador
 Rua Victor Basílio Adami, 800 | Centro | 89.500-000
 Caçador-SC | 49 3561.6200 | www.uniarp.edu.br

Campus Fraiburgo
 Rua Carlos Maister, 411 | Centro | 89.580-000
 Fraiburgo-SC | 49 3246.3334 | www.uniarp.edu.br



FUNIARP - Entidade Mantenedora
 Fundação Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe
 CNPJ 82.798.828/0001-00

APÊNDICE J – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA CONSULTA OU PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DE TCCs

Curso: Pedagogia

Acadêmico(a): Genecis Perachi da Silva. CPF 03976124940

E-mail: janeperachi@hotmail.com

Orientador(a): Anete Müller Carvalho. CPF 701307109 97.

Membro da banca: Professora Ma. Deize Maria Baretta.

Membro da banca: Professor Me Rodrigo Regert.

Data da defesa: 02/07/2021.

Título do trabalho:

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A
 IMPORTANTE PRÁTICA DO PROFESSOR

Autorizo a UNIARP, Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe, a disponibilizar o texto integral da publicação supracitada, de minha/nossa autoria, para fins de leitura, impressão e/ou download pela Internet, a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade a partir desta data.

Fraiburgo, (SC) Data 02/07/2021.


 Assinatura Autor(a)


 Assinatura Orientador(a)

ATA DA BANCA DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

Aos dois dias do mês de julho do ano de 2021 (dois mil e vinte e um), às 21 horas e 15 minutos, foi convocada e formada a comissão (banca) examinadora composta de três professores e/ou autoridades docentes desta Universidade, abaixo nominados, para o exame do trabalho escrito, apresentação oral, pesquisa e desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, elaborado pelo(a) acadêmico (a) **Genecis Perachi da Silva**, cujo título é: **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A IMPORTANTE PRÁTICA DO PROFESSOR**. Foi concedido o tempo máximo de 15 minutos para o (a) acadêmico (a) fazer a exposição oral do trabalho, atribuindo-se outros 15 minutos para arguições. Após a apresentação foram feitas as arguições ao (a) acadêmico (a), visando a avaliação e crédito na disciplina. Concluídas as arguições, a banca passou à deliberação sobre a avaliação, considerando os seguintes critérios: a) Estruturação e ordenação do conteúdo da apresentação coerente com o relatório; b) Clareza na comunicação e exposição das ideias; c) Domínio do conteúdo; d) Uso adequado do tempo; e) Utilização dos recursos audiovisuais; f) Postura/comportamento durante a apresentação; e g) Esclarecimento das dúvidas durante as respostas das arguições. Após a deliberação, concluída a presente banca de exame de TCC, (a) acadêmico (a) obteve as seguintes avaliações:

PROFESSOR (A)	FUNÇÃO	NOTA
Anete Müller Carvalho	Presidente da Banca	10,0
Rodrigo Regert	Membro	9,4
Deize Maria Baretta	Membro	10,0
MÉDIA DA BANCA		9,8

Sendo o TCC considerado:

Aprovado em sua totalidade Aprovado com restrições Reprovado

A validação da média da Banca fica condicionada à entrega da versão final do TCC, com as devidas alterações apontadas pela Banca Examinadora, no prazo de 10 dias.



 Presidente da Banca



 Membro da Banca



 Acadêmico (a)



 Membro da Banca